

Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no TikTok*

*Jéssica Magalhães***

RESUMO: Este artigo interroga como adolescentes lidam com o mal-estar da puberdade na era do TikTok, explorando os efeitos da cultura digital sobre o desejo, o corpo e os laços sociais. Com base na psicanálise lacaniana, analisa a sociedade escópica, o discurso capitalista e a possibilidade de separação pela via da sublimação nas produções juvenis na plataforma. Ao interpretar a adolescência como um tempo lógico de travessia, discute como os jovens podem utilizar o TikTok tanto como espaço de captura quanto de invenção subjetiva. Aposta na importância ética da psicanálise diante das novas formas de laço e expressão na contemporaneidade juvenil.

Palavras-chave: TIK TOK; ADOLESCÊNCIA; SUBLIMAÇÃO; DISCURSO CAPITALISTA.

Del Like y del Lazo: las prácticas de uso de la juventud en TikTok

RESUMEN: Este artículo interroga cómo los adolescentes lidian con el malestar de la pubertad en la era de TikTok, explorando los efectos de la cultura digital sobre el deseo, el cuerpo y los lazos sociales. Con base en el psicoanálisis lacaniano, analiza la sociedad escópica, el discurso capitalista y la posibilidad de separación por la vía de la sublimación en las producciones juveniles en la plataforma. Al interpretar la adolescencia como un tiempo lógico de travesía, discute cómo los jóvenes pueden utilizar TikTok tanto como un espacio de captura como de invención subjetiva. Se apuesta por la importancia ética del psicoanálisis ante las nuevas formas de lazo y expresión en la contemporaneidad juvenil.

Palabras clave: TIKTOK; ADOLESCENCIA; SUBLIMACIÓN; DISCURSO CAPITALISTA.

Of Likes and Bonds: Youth Practices on TikTok

ABSTRACT: This article investigates how adolescents deal with the discomfort of puberty in the TikTok era, exploring the effects of digital culture on desire, the body, and social bonds. Grounded in Lacanian psychoanalysis, it analyzes the scopic society, the capitalist discourse, and the possibility of separation through sublimation in youth productions on the platform. Interpreting adolescence as a logical time of passage, it discusses how young people may use TikTok both as a space of capture and of subjective invention. It emphasizes the ethical relevance of psychoanalysis in the face of new forms of bonding and expression in contemporary youth culture.

Keywords: TIKTOK; ADOLESCENCE; SUBLIMATION; CAPITALIST DISCOURSE.

* Artigo produzido a partir da pesquisa de Mestrado orientada pelo Prof. Dr. Raul Albino Pacheco do Mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) .

** Psicanalista, mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0009-0818-3984>

E-mail: contato@jessicamagalhaes.com.br

Introdução

Este artigo parte de uma inquietação tanto clínica quanto social: o que os adolescentes fazem com o mal-estar próprio da adolescência na era do TikTok? Frente ao horizonte de nosso tempo, buscamos alcançar a subjetividade contemporânea, inspirados na proposta de Lacan em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1988). Partimos da premissa de que é na linguagem que o sujeito se constitui e, portanto, é por meio dela que podemos escutar os efeitos da cultura sobre o mal-estar contemporâneo.

Considerando a escassez de produções psicanalíticas que abordem, de forma sistemática, os modos como os adolescentes se relacionam com o TikTok, este artigo se apresenta como uma aposta inaugural. Não se trata de oferecer respostas definitivas, mas de sustentar uma escuta possível diante de um fenômeno ainda em curso, apostando no inacabado. Trata-se, sobretudo, de abrir uma trilha ainda pouco explorada, que permita escutar com mais sensibilidade os efeitos da cultura digital na adolescência. Para isso, apoiamo-nos em conceitos psicanalíticos de orientação lacaniana, a fim de sustentar uma pergunta e apostar numa hipótese que contribua tanto na clínica quanto no campo social para pensarmos no que o uso massivo das redes, como o TikTok, faz com o desejo, com o corpo e com os modos de laço entre os jovens.

Propomos um percurso que busca explorar as relações entre sujeito e sociedade, fundamentando-se na perspectiva freudiana da *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), que enfatiza a indissociabilidade dessas duas instâncias. Situando o aplicativo TikTok como fenômeno na cultura contemporânea, percorremos sobre a estrutura psíquica do sujeito e a lógica da adolescência, ambas entendidas como trans-históricas, ou seja, sua estrutura se mantém apesar das transformações do tempo. E, por fim, esta pesquisa se afunila na hipótese de que os adolescentes podem usar o TikTok de dois modos que coexistem: como espaço de captura, atravessado pela lógica do discurso capitalista, em que o valor das relações humanas é mediado pelo consumo mercadológico, o que leva à alienação, e também como possibilidade de subversão, em que, os jovens ao ultrapassarem os limites da comunicação tradicional, transformam o mal-estar em uma expressão sublimatória.

TikTok e cultura digital contemporânea

O aplicativo TikTok, de origem na chinesa e globalizado durante a pandemia, consolidou-se como um dos mais influentes do mundo. Mais do que entretenimento, o TikTok combina estímulo visual acelerado, gamificação e um algoritmo hiperpersonalizado, gerando um ciclo de consumo e exposição contínuos.

Destacamos o TikTok na cultura contemporânea, salientando como ele participa das transformações nos laços sociais, sobretudo entre adolescentes. Para isso, recorremos a dois autores: Manuel Castells e Pierre Lévy. Castells (1999/2008) fala-nos da sociedade em rede, na qual sujeitos, dispositivos e algoritmos formam fluxos globais de informação. Já Lévy (1999) propõe a cibercultura, baseada em interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva. Ainda que essa estrutura pareça democrática, ela é rapidamente atravessada por interesses mercadológicos, transformando liberdade criativa em capital.

Esse jogo entre criação e captura é intensificado no TikTok. Aqui, entra a noção de datificação. Santaella (2021) aponta que vivemos sob o regime do *big data*, no qual até nossos afetos se tornam dados. Van Dijck (2017) complementa dizendo que esses dados visam prever, manipular e controlar, especialmente os jovens, que são o público mais engajado da plataforma.

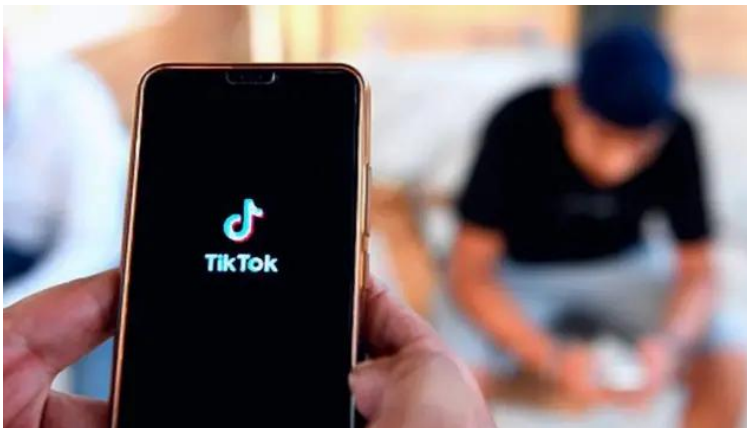
É também no plano das imagens que essa captura se dá. Vilém Flusser (2012) fala-nos das imagens técnicas: programadas, repetitivas, elas tendem à homogeneização. Ainda assim, ele aponta uma brecha: o potencial para reinvenção. E é nessa ambiguidade, entre repetição e criação, que os jovens se movem no TikTok.

Desenhamos, assim, um campo de tensão: entre a promessa de liberdade digital e a captura subjetiva. O TikTok não apenas participa, mas atualiza, e muitas vezes radicaliza, os impasses vividos pelos adolescentes na cultura contemporânea.

Sociedade escópica e cultura da visibilidade

Adentramos agora num ponto central deste artigo: o olhar como operador de subjetivação na cultura digital. A partir do conceito de “sociedade escópica”, formulado por Antônio Quinet (2002/2004) com base em Debord e Foucault, compreendemos que o olhar deixa de ser apenas registro da imagem para tornar-se um dispositivo de captura e comando. É a era do imperativo: “seja visto”. Na lógica contemporânea, ser visto é condição de existência, e a visibilidade se transforma em valor social.

O TikTok expressa essa lógica escópica ao empuxo ao gozo de ser visto. Seu algoritmo transforma a imagem em moeda subjetiva. O sucesso de jovens influenciadores, entre “espontaneidade” e estratégia, revela como o espetáculo se tornou modo dominante de laço. Como antecipou Debord (1997): “o



que aparece é bom, e o que é bom aparece”. A experiência cede lugar à representação. Em outras palavras, a transição do “ser” para o “ter”, e depois para o “parecer”, torna a aparência superior à própria vida. A representação sobrepõe-se à experiência. O funcionamento do espetáculo opera na engrenagem que simultaneamente une e separa, aproxima pela imagem, mas afasta no encontro com o corpo. O TikTok encarna essa lógica, espaço onde a promessa de proximidade esconde a mercantilização da vida cotidiana, convertida em espetáculo e moeda subjetiva. A imagem especular toma a condição de fetiche, operando como promessa de satisfação.

Nesse cenário, o olhar torna-se objeto de gozo. Freud (1905) já indicava que ver e ser visto pode, por si só, trazer satisfação. Lacan (1985), no Seminário 11, eleva o olhar à condição de objeto *a*, causa de desejo e de angústia. Ao se exhibir, o sujeito tenta capturar

o desejo do Outro, mas esse desejo escapa. O TikTok encarna esse jogo: a imagem desliza, e a satisfação é sempre incompleta.

Nessa perspectiva, o olhar converte-se em objeto de gozo. Freud, em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), já indicava a existência da pulsão escópica, marcada pelo prazer em olhar e em exhibir-se. Lacan (1964), ao retomar Freud, vai mais longe: ao olhar, o sujeito é olhado; não há apenas um eu que observa, mas um Outro que me olha. E é justamente esse olhar do Outro que confere valor, institui o eu e, ao mesmo tempo, produz angústia. A partir do Seminário 11, o olhar ganha estatuto de objeto *a*: objeto causa de desejo, mas também de angústia. Ao se mostrar, o sujeito busca capturar o desejo do Outro, mas esse desejo é sempre opaco, escapa, desliza.

No TikTok, o jogo entre ver e ser visto é comandado por um panóptico digital. A arquitetura do panóptico, descrita por Foucault, ganha atualidade no algoritmo. O olhar não precisa mais estar presente: basta a possibilidade de ser visto para que os sujeitos se ajustem à demanda do Outro. O panoptismo vira algoritmo. E é aqui que a datificação amplia a vigilância escópica, transformando cada gesto em dado, cada visibilidade em capital. Esse olhar constante traduz-se também em ideal de transparência. O sujeito sente-se compelido a mostrar tudo. A vida vira vitrine. E é nesse ponto que o TikTok encarna o supereu escópico: um olhar que exige cada vez mais visibilidade, cada vez mais gozo, cada vez mais oferta de si.

Adolescer em tempos de TikTok

O aplicativo TikTok configura-se como um espaço privilegiadamente ocupado pelos jovens, não apenas pelo tempo que ali se consome, mas, sobretudo, pela forma como se presentifica um mal-estar próprio ao tempo lógico do adolescer. Sua centralidade na vida adolescente permite entrever o surgimento de sintomas que não podem ser reduzidos a condutas sem importância. Ao contrário, revelam tentativas de travessia subjetiva frente à reorganização pulsional precipitada pela puberdade, em que o corpo, o olhar, a imagem e a entrada ao meio social tornam-se eixos fundamentais na construção de uma saída singular diante do real que irrompe.

A teoria freudiana sobre a adolescência, tal como apresentada no texto *princeps Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), articula a puberdade como uma irrupção pulsional, um momento de reencontro com o real do sexo e com as marcas do desejo inconsciente. Freud (1905/1996) destaca que essa etapa exige um trabalho psíquico de desligamento dos pais, fundamental à construção de novas formas de laço. Trata-se de um tempo em que se evidencia a impossibilidade de uma satisfação plena e a perda do objeto primordial ganha centralidade estruturante. Essa transformação pulsional, emergente na puberdade, corresponde à hipótese de que o sujeito é novamente convocado pela questão da sexualidade, agora sob outras coordenadas, mas ainda atravessado pelos ecos da vivência edípica inaugural.

Lacan avança o postulado freudiano e, como referência principal e ulterior sobre a adolescência, nos servimos do escrito “Prefácio a *O Despertar da Primavera*” (Lacan, 1974/2003b), inspirado na peça do dramaturgo alemão Frank Wedekind (1891/1973). Nesse texto, Lacan utiliza a peça como recurso de leitura para apreender questões cruciais sobre a sexualidade adolescente, abordando a puberdade e a estruturação do desejo. Ele

destaca como a encenação explícita o encontro do adolescente com o real da sexualidade, bem como a inadequação das respostas parentais e sociais frente a essa irrupção.

Ao eleger essa obra como suporte, Lacan evidencia que o despertar da sexualidade na adolescência não pode ser reduzido a um processo biológico ou pedagógico, mas implica um corte estrutural que convoca o sujeito a uma posição inédita diante do desejo e da castração. A puberdade, nesse contexto, funciona como ponto de inflexão: o sujeito se vê confrontado com o real do sexo, aquilo que escapa à simbolização, e diante da ausência de uma resposta do Outro. O drama de Wedekind permite a Lacan ilustrar que a entrada na sexualidade não se dá sem impasses, e que o mal-entendido entre gerações revela aquilo que, na estrutura, permanece irredutível: a falta de uma garantia simbólica para o desejo. É precisamente essa ausência de mediação que inaugura a adolescência como um tempo lógico de travessia, onde o sintoma pode emergir como tentativa de dar forma ao impossível de suportar.

Nesse processo, o corpo ocupa um lugar central. Freud (1923/1996) afirma que o Eu é, antes de tudo, um eu corporal. Lacan, no *Estádio do Espelho* (1949/1998), mostra como o sujeito se identifica com uma imagem que tenta unificar o que é vivido como fragmentado. Na adolescência, essa imagem vacila: o corpo muda, o desejo irrompe e a consistência da imagem especular se desfaz. Como afirma Soler (2017), é o tempo do encontro com o corpo próprio e com o corpo do Outro, experiência marcada por estranhamento e angústia. É nesse ponto que o TikTok se apresenta como vetor contemporâneo da lógica escópica na adolescência. O jovem é convocado a se mostrar, a ser visto, a transformar seu corpo em imagem. Ao se constituir como palco privilegiado para a expressão do adolescer, o aplicativo também convoca o sujeito a um gozo ilimitado e oferece identificações prontas que, ao apagarem a falta estruturante, dificultam a possibilidade de o adolescente fazer algo de sua singularidade.

Esse exercício de travessia ocorre apoiado na operação lógica de reatualização dos processos de alienação e separação, formulados por Lacan no Seminário 11, proferido em 1964, na qual o sujeito, inserido na linguagem, confronta-se com a falta no Outro parental e social e com a impossibilidade de uma satisfação completa. Esse movimento implica um reposicionamento subjetivo frente ao desejo. No TikTok, essa dinâmica manifesta-se tanto na busca por reconhecimento, expressão da alienação, quanto na invenção de formas singulares de se dizer, como tentativa de separação e construção de uma posição desejante.

Diante de tantas contingências vivenciadas na posição do adolescer, este é interpretado numa posição ambivalente na cultura ocupando duas faces da mesma moeda. Uma face é a promessa de futuro da sociedade; do outro lado, na outra face, é vista como ameaça ao suposto equilíbrio social empreendido através das gerações anteriores. A figura do adolescente assume uma posição paradoxal e subversiva: ele é aquele que revela, mesmo sem o aval da sociedade, o despertar da sexualidade, colocando em questão as normas e condutas estabelecidas. “A adolescência [...] traz consigo a ameaça de um conflito de gerações (Albert, 1995/2009, p. 25). Ao mesmo tempo, é também quem carrega o potencial do futuro, o incerto, aquilo que escapa ao controle e às previsões sociais. O adolescente encarna tanto o desvelamento de uma verdade inconveniente quanto o lugar da expectativa, onde tudo ainda pode ser realizado ou transformado. O adolescente está diante dessa abertura para o real, que se torna alvo do discurso capitalista ao prometer preencher o vazio com objetos de consumo. Há, por outro lado, um espaço que possibilita

ao adolescente expressar algo de sua singularidade. Essa dupla via, de captura pelo gozo capitalista e de criação subjetiva, leva-nos a questionar como o adolescente, em uma sociedade escópica, em particular no aplicativo TikTok, pode posicionar-se entre essas articulações, sabendo que uma não exclui a outra, mas ambas se tensionam.

Do *like* e do laço

Ao acessar o TikTok, deparamo-nos com um cenário moldado pelo discurso capitalista: adolescentes performam diante da câmera, muitas vezes filtrados por ideais estéticos inatingíveis, como se apenas a imagem corrigida fosse digna de ser mostrada. Assistimos também a vídeos de ostentação, rotinas com produtos caros, *unboxings* de luxo e desafios de consumo, em que o sujeito se reduz a consumidor.

Muitos constroem identidades digitais voltadas ao engajamento e à monetização. Nas chamadas NPC (lives recompensa), jovens repetem gestos e frases em troca de presentes virtuais, transformando-se, ao mesmo tempo, em produto e consumidor. As lives de NPC evidenciam o significante “recompensa”, remetendo à ideia freudiana, em *O mal-estar na civilização* (1930), de que a entrada na cultura exige renúncias pulsionais. Na adolescência, esse mal-estar se intensifica com a dissolução das identificações infantis e a necessidade de inserção social. Segundo Alberti (2009), o jovem vive uma ambivalência entre autonomia e pertencimento. As lives oferecem uma falsa promessa de restituição imediata da satisfação perdida. Assim, o adolescente é capturado pelo discurso capitalista, que transforma até essa etapa da vida em mercadoria.

Em paralelo, o TikTok também se converte em palco de discursos extremistas, convertendo ideologias em mercadoria. Segundo reportagem do Brasil 247, o algoritmo tem impulsionado conteúdos fascistas de extrema direita entre jovens europeus, esvaziando o debate público e transformando o discurso de ódio em entretenimento. O laço social, assim, cede lugar a identificações acríticas e imediatas, nas quais o desejo é substituído pela lógica do mais-de-gozar.

Ao depreendermos atentamente essas questões, deparamo-nos com a engrenagem do discurso capitalista. Trata-se de um dispositivo no qual a juventude é constantemente convocada a consumir: consumir imagens, consumir produtos, consumir a si mesma. No Seminário 17, intitulado *O avesso da psicanálise*, proferido entre 1969 e 1970, Lacan propõe os discursos como estruturas que organizam os laços sociais, articulando linguagem e gozo. Em 1972, na Universidade de Milão, ele apresenta o discurso capitalista, que se diferencia por eliminar os limites estruturais, como a impotência e a impossibilidade, e operar numa lógica de completude. Esse discurso sustenta-se pela *latusa*, objeto produzido pelo saber tecnocientífico e ofertado como promessa de gozo ilimitado, mesmo sem existência material. No TikTok, filtros, algoritmos, presentes virtuais convertem-se em *latusas*, capturando o desejo ao mascarar a falta. O sujeito é reconduzido a um circuito fechado de consumo, onde a divisão subjetiva é negada e os laços simbólicos são esvaziados, especialmente na adolescência, que se vê atravessada por um gozo sem mediação.

O TikTok atualiza e radicaliza o discurso capitalista. O gozo é distribuído em tempo real, promovido por algoritmos que respondem à lógica da satisfação imediata. Ao tentar suprimir a falta, o discurso capitalista esvazia o desejo e desconecta o sujeito do

Outro e do laço social. Na adolescência, momento crítico de reencontro com o real da sexualidade, essa desconexão impede a operação de separação e captura possíveis atos de saber-fazer com o adolescer. Em vez de promover novos modos de laço, o aplicativo favorece conexões frágeis, orientadas pelo consumo e por discursos segregacionistas, gerando uma juventude isolada e mobilizada por ideologias de ódio.

Ao lado da lógica mercadológica dominante, o TikTok também abriga publicações de jovens influenciadores de origem indígena e quilombola que utilizam a plataforma para compartilhar suas histórias e experiências, com o intuito de conscientizar o público sobre suas culturas. A juventude dos povos originários tem recorrido ao TikTok para promover as tradições de suas comunidades e abordar temas relacionados à resistência e ao orgulho de suas raízes. Essas produções escapam à norma de mercado ao recusar os semblantes prontos e se colocar em posição de denúncia e invenção. No aplicativo, essas vozes interpelam o racismo, o colonialismo e os padrões hegemônicos, expressões que não se deixam capturar totalmente pelo mercado, sendo representadas pelo discurso histórico. O discurso histórico, ao colocar o sujeito dividido como agente, abre espaço para a crítica e para o desejo. Quando uma jovem indígena utiliza a plataforma para denunciar as queimadas na Amazônia, ou quando um jovem negro performa sua dor e seu orgulho de ser quem é, o que vemos ali não é mercadoria, mas sintoma, um sintoma que não encontra resposta no mercado, porque aponta justamente para o que o discurso capitalista não consegue tamponar. E não é raro encontrarmos no TikTok expressões do discurso histórico, vozes que furam a promessa de gozo contínuo, expondo a falta que o capital tenta apagar.

Lacan (1969-1970/1992) aponta que é do discurso histórico que pode emergir o discurso do analista, o único que se dirige ao outro como sujeito, e não como consumidor. Ele sustenta a falta como condição e, ao escutar, abre a possibilidade de uma saída ética frente à repetição imposta pelo capital.

Nem tudo no TikTok é captura, há brechas. Nessa série, encontramos o jovem Pedro Vinícios, pernambucano que viralizou inicialmente no Instagram e mantém atuação ativa também no TikTok. Utilizando traços simples e mensagens inusitadas, Vinícios não apenas produz conteúdos, mas aborda temas sensíveis e cotidianos de maneira que transcende a lógica da satisfação imediata. Suas criações operam uma torção pulsional, transformando-a em produções que contornam o vazio estrutural do sujeito e, ao tocarem o espectador com humor e sutileza, ganham valor social.

Podemos depreender das postagens desse jovem um saber-fazer que se inscreve na lógica da operação de separação pela via da sublimação. Diferentemente da simples repetição imaginária ou da adesão a identidades alienantes, sua produção revela uma operação que desloca a pulsão para fins simbólicos, permitindo que algo do mal-estar encontre forma no campo do laço social. Recuperamos a formulação freudiana, apresentada em textos como *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *O Eu e o Isso* (1923), em que Freud estabelece que a sublimação é um dos destinos possíveis da pulsão, na qual a energia libidinal é deslocada para fins socialmente valorizados, como a arte, a ciência ou o trabalho. Trata-se, portanto, de uma forma de ligação entre o inconsciente e a cultura, onde a satisfação pulsional é mantida, e deslocada, permitindo a emergência de criações que produzem valor para o laço social sem recair na repetição do gozo mortífero.

Ao transformar conteúdos cotidianos e afetivos em criações que tocam o outro, esse jovem não apenas comunica, mas transmite algo de sua singularidade, contornando o vazio

estrutural sem recobri-lo. Nesse sentido, trata-se de um uso criativo da linguagem e da imagem que se afasta da lógica do gozo imediato e se aproxima da elevação do objeto à dignidade da Coisa, tal como formulado por Lacan no Seminário 7. A sublimação, nessa leitura, já é uma resposta ética ao mal-estar: ao invés de recalcar ou reagir, o sujeito cria.

Essa operação abre caminho para pensarmos, na adolescência, as formas singulares de lidar com o real da puberdade. Quando um jovem transforma sua angústia, sua falta, em uma criação que toca o outro, ele realiza uma operação que tangencia a expressão sublimatória. A sublimação, nesse sentido, é uma forma de separação possível. Como nos ensina Lacan (1959-1960/1988), sublimar é elevar o objeto à dignidade da Coisa, ou seja, produzir algo que alude ao real sem tamponá-lo.

Acentuamos que os *posts* feitos por esse jovem não se reduzem apenas a uma finalidade de reconhecimento social adaptativo, mas revelam uma criação que funda um novo valor. O valor de uma expressão não vem de sua utilidade, mas de sua capacidade de sustentar o vazio. Nessa chave, ao utilizarem o TikTok, os jovens fazem dele não apenas um espaço de consumo, mas também um espaço de criação, de poética, de desejo. Quando criam, dizem-se e inventam-se por meio da plataforma, há uma elevação do objeto. Trata-se de um gesto ético, que organiza o desejo e o laço social a partir de uma posição singular.

Como nos lembra Lacan, a função sublimatória não se reduz ao belo, pois o belo é aquilo que nos protege do horror. E o horror, na adolescência, é o real da sexualidade, é a constatação de que não há Outro que lhe garanta, que não há relação sexual. A expressão sublimatória é uma forma de sustentar o sem sentido. Uma maneira de bem-dizer o indizível, ou seja, de criar algo onde o simbólico falha, sem recobrir o real. Sublimar não é encontrar um significado, mas construir uma forma que acolha a ausência de sentido, que toque o impossível sem tentar apagá-lo.

Por isso, depreender o uso do TikTok pelos adolescentes a partir da expressão sublimatória é também pensar aquilo que ainda escapa ao discurso capitalista. É apostar no que resta de desejo, de singularidade, de laço. Porque, mesmo em um espaço saturado de consumo e espetáculo, há jovens que não apenas resistem, mas, sobretudo, subvertem. E que, ao subverter, criam.

Conclusões

Por fim, se é que há um fim, estas considerações que aqui nomeamos como finais talvez sejam apenas um ponto de partida. Este artigo assumiu um caráter inaugural: não para oferecer respostas prontas ou encerrar o tema, mas para abrir campo de discussão, tensionar conceitos e provocar novas questões.

Entre as possibilidades que se delinearam ao longo do percurso, chegamos a uma hipótese: o TikTok pode ser compreendido como uma das respostas ao mal-estar que atravessa a adolescência, resposta que pode inscrever-se tanto pela via da alienação, em consonância com o discurso capitalista, quanto pela via da separação, como se opera na sublimação.

Há jovens capturados pela lógica do discurso capitalista, transformando-se em objeto e consumidor ao mesmo tempo, ao aderirem a identificações massificadas e alienantes. Em concomitância, e de forma ambivalente, talvez nenhum outro momento seja tão fértil ao desejo quanto a adolescência, quando o sujeito ainda não sabe quem é, mas já

é movido por algo que o atravessa. É nessa fissura que os jovens encontram, no TikTok, um lugar para se inventarem, criar a partir de sua divisão e operar uma torção no discurso dominante, fazendo da reorganização pulsional um motor de elaboração. Nesses casos, o TikTok deixa de ser apenas vitrine e converte-se em um lugar de possível travessia, onde o mal-estar é subvertido em gesto poético, ético e singular.

É precisamente aí que a psicanálise se mantém necessária atualmente, não como guia moral ou instância reguladora, mas como práxis que sustenta a falta, acolhe o impasse, escuta a diferença e legitima modos singulares de os adolescentes se colocarem no mundo. Porque, mesmo em tempos de algoritmos e imperativos ao gozo escópico, ainda é possível apostar: o sujeito adolescente não está inteiramente capturado. Há furo. Há resto. Há criação.

Referências:

- Alberti, Sônia. (1999b). *Esse sujeito adolescente* (2a ed.). Rio de Janeiro: Marca d'Água. Brasil 247. TikTok impulsiona conteúdos de extrema direita entre jovens na Europa. Disponível em: <https://www.brasil247.com/mundo/tiktok-impulsiona-conteudos-de-extrema-direita-entre-jovens-na-europa>.
- Castells, Manuel. *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Debord, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- Freud, Sigmund. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das obras completas*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Freud, Sigmund. O eu e o id. Em: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Freud, Sigmund. O Mal-estar na Civilização (1929-1930). Em: S.Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Flusser, Vilém. *O universo das imagens técnicas: ensaios sobre o futuro da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2008.
- Lacan, Jacques. Discurso de Roma (1953). Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.139-172.
- Lacan, Jacques. *Du discours psychanalytique – Conferência de Milão* (1972). Inédito. Disponível em: <http://gaogoa.free.fr>. Acessado em: 18 mar. 2012.
- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- Lévy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Quinet, A. *Um olhar a mais - ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2002.
- Santaella, L., & Kaufman, D. (2021). *Os dados estão nos engolindo?*. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 21(2), 2021.
- Van Dijck, José. *Confiemos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social*. MATRIZES, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017.

Citação/Citation: Magalhães, J. (2025). *Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no TikTok*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 1), pp. 92-101.

Recebido em: 01/06/2025

Aprovado em: 30/06/2025